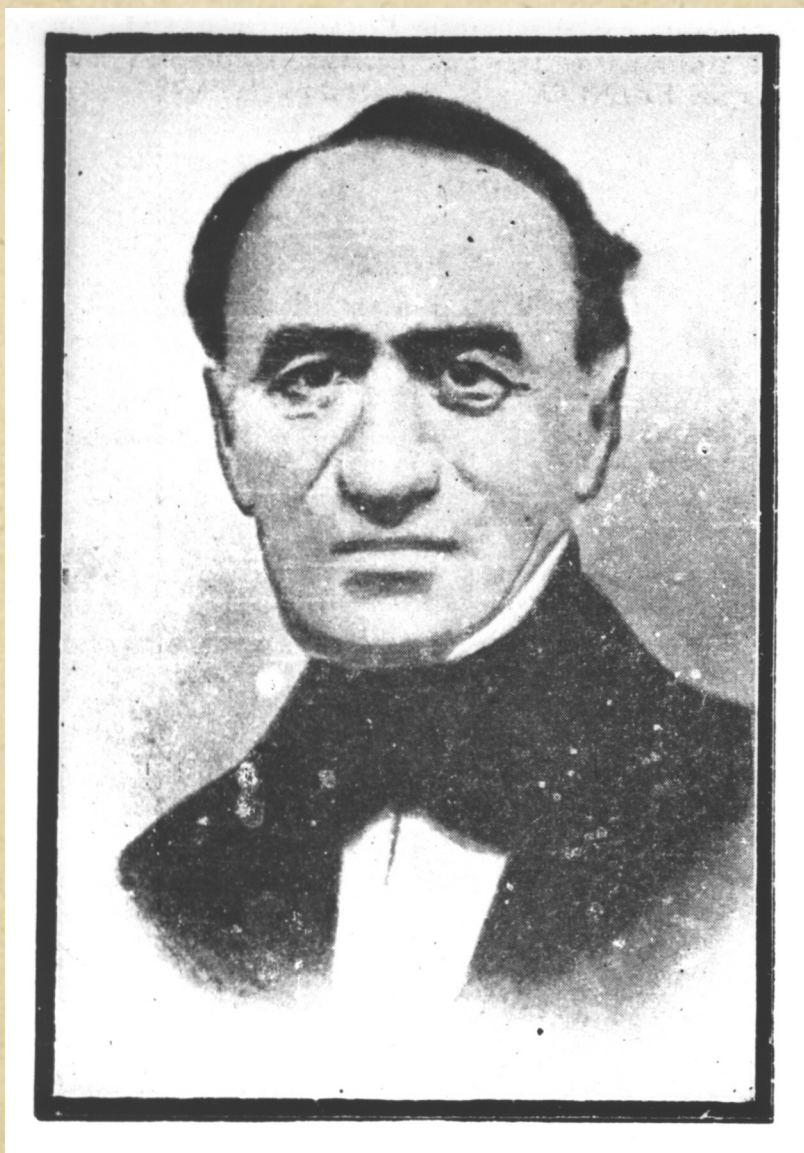




Vice-Almirante John Taylor



(Acervo: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha)

Filiação:

Nathaniel Taylor
Catharina Taylor

Data de Nascimento:

22 de dezembro de 1796

Naturalidade:

Greenwich, Inglaterra

Carreira:

Capitão de Fragata:

09 de janeiro de 1823

Capitão de Mar e Guerra:

12 de outubro de 1823



Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



Chefe de Divisão (Graduado):	01 de dezembro de 1825
Chefe de Divisão (Efetivo):	28 de setembro de 1835
Chefe de Esquadra (Graduado):	18 de fevereiro de 1837
Chefe de Esquadra (Efetivo):	14 de março de 1847
Vice-Almirante:	02 de dezembro de 1851

Falecimento: 26 de novembro de 1855

Comandos e Direções:

Fragata *Niterói*

Divisão Naval da Esquadra em operações de guerra no Rio da Prata – Guerra da Cisplatina

Esquadra em operações contra os cabanos, no Pará - Cabanagem

Fragata *Baiana*

Fragata *Príncipe Imperial*

Fragata *Campista*

Comissões:

Quartel-General da Marinha

Medalhas e Condecorações:

Imperial Ordem do Cruzeiro - Dignitário

Medalha da Constância

Medalha da Independência

Tempo de Serviço:

32 anos, 10 meses e 17 dias

Histórico:

De ascendência escocesa, filho de Nathaniel Taylor e de Catharina Taylor, nasceu em Greenwich, Inglaterra, em 22 de dezembro de 1796.

Ainda jovem, iniciou sua carreira na *Royal Navy* quando foi matriculado no *Royal Naval College*. Logo nos primeiros anos como oficial da Marinha britânica, embarcou na Fragata *HMS Brighton* e na Nau *HMS Victory*, esta a capitânia de Lord Nelson, tomando parte em diversas batalhas, especialmente no contexto das guerras napoleônicas, com destaque para a batalha de Trafalgar.

Em dezembro de 1822, encontrava-se no Rio de Janeiro, aguardando transporte para Salvador, onde assumiria a função de Imediato da Fragata *HMS Doris*, a capitânia do Comandante em Chefe britânico *Sir Thomas Hardy*. Nesse tempo, o recém-constituído governo do Brasil independente envidava esforços no sentido de estruturar uma Marinha capaz de atuar como instrumento militar e político no sentido de



Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



assegurar a consolidação da Independência do país em relação a Portugal e a manutenção da unidade territorial nesse processo. Nesse quadro, visando compor as tripulações dos navios da nascente Esquadra Imperial brasileira, foram recrutados oficiais e praças de diferentes nacionalidades, em especial britânicos desmobilizados da *Royal Navy* com o término das guerras napoleônicas. John Taylor foi uma exceção, haja vista ser ele à época um oficial da Marinha inglesa ainda em atividade.

Nesse sentido, para surpresa de seus superiores, no dia 9 de janeiro de 1823, após uma série de reuniões secretas com José Bonifácio, foi publicado decreto que nomeava Taylor Capitão de Fragata da Marinha Imperial brasileira. Logo no dia seguinte, ele renunciou a seu posto na *Royal Navy*, mas *Sir Thomas Hardy* recusou-se a aceitar a renúncia, considerando-o então um desertor. O *British Foreign Office* protestou contra o recrutamento de um oficial do serviço ativo e exigiu que a Marinha brasileira desistisse da contratação de Taylor, o que foi respondido de maneira evasiva pelo governo do Brasil, seguindo-se então um longo imbróglio diplomático e político que se prolongou pelos anos seguintes.

Iniciadas as ações navais pela Independência do Brasil, John Taylor foi então designado para o comando da Fragata *Niterói*, com a qual integrou a Esquadra que, sob o comando do Primeiro-Almirante Thomas Cochrane, deu combate às forças portuguesas fixadas em Salvador e estabeleceu um bloqueio naval àquela capital. Por ocasião da rendição e consequente evacuação dos contingentes portugueses daquela praça, John Taylor, ao comando da *Niterói*, foi encarregado pelo Almirante Cochrane de perseguir o comboio luso a fim de evitar que desembarcassem em outros pontos do litoral brasileiro e capturar o máximo possível de navios, armamentos e tropas portuguesas. Taylor seguiu no encalço dos navios lusos até as costas de Portugal, fazendo diversas presas e ostentando, pela primeira vez, a bandeira brasileira a vista do litoral português.

Ainda em 1823, foi promovido a Capitão de Mar e Guerra. No ano seguinte, foi designado como Comandante da Divisão Naval posta a combater a primeira grande revolta interna após a Independência, a Confederação do Equador, em Pernambuco. Tendo estabelecido um bloqueio à Recife logo em abril desse mesmo ano. Entretanto, diante dos rumores de um eventual ataque português ao Rio de Janeiro, em julho o bloqueio foi suspenso e a Esquadra regressou para a capital do Império, retornando ao Recife, sob o comando do Almirante Thomas Cochrane, logo no mês de agosto. Nesse mesmo mês, frente aos constantes protestos britânicos, o governo brasileiro exonerou John Taylor do serviço ativo na Marinha Imperial. Entretanto, permanecendo no Brasil, casou-se com a brasileira Maria Teresa, em outubro de 1824 e naturalizou-se brasileiro.



Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



Com a continuidade das tratativas diplomáticas junto à Inglaterra, afinal, em 1^o de dezembro de 1825, John Taylor foi reconduzido à Marinha Imperial brasileira por decreto do Imperador D. Pedro I, que, no contexto da Guerra da Cisplatina (1825-1828) intentava colocá-lo no comando das forças navais brasileiras em operações no Rio da Prata, mas, frente as pressões britânicas, o incumbiu de atuar na repressão aos corsários que assolavam o tráfego marítimo nas costas do Brasil.

Durante os anos iniciais do Período Regencial (1831-1840), desempenhou funções na corte, com destaque para a de Ajudante do Quartel-General da Marinha. Por ocasião dos diversos movimentos revoltosos deflagrados nesse período, sobressaiu-se na campanha contra a Cabanagem (1835-1840), no Pará, quando, ao comando da Fragata *Campista*, foi nomeado Comandante em Chefe da Esquadra em operações contra os cabanos, em 1835, ano em que foi promovido ao posto de Chefe de Divisão. No ano seguinte, foi substituído pelo então Capitão de Mar e Guerra Frederico Mariath.

Em 1847, foi promovido a Chefe de Esquadra e, em 1851, alcançou o posto de Vice-Almirante.

O Vice-Almirante John Taylor faleceu no Rio de Janeiro, em 26 de novembro de 1855.

Fonte:

Revista Marítima Brasileira – Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=008567&pesq=%22John%20Taylor%22&pagfis=127047>

Referências:

ABREU, Guilherme Mattos de (Org.). **Marinha do Brasil: Uma Síntese Histórica**. Rio de Janeiro: SDM, 2018.

ABREU, Guilherme Mattos de e MATHIAS, José Carlos (Orgs.). **Esquadra 200 anos: livro de quartos 1822-2022**. Rio de Janeiro: Letras Marítimas, 2022.

BOITEUX, Henrique. **Os nossos Almirantes**. 2.vol. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1917.